REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Director-proprietario: CAETANO ALBERTO DA SILVA

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte) m. forte..	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)......	4$000	2$000	-$-	-$-
Extrangeiro (união geral dos correios)	5$000	2$500	-$-	-$

30.º Anno — XXX Volume — N.º 1039

10 DE NOVEMBRO DE 1907

Redacção — Atelier de gravura — Administração
Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4
Composto e impresso na Typ. do Annuario Commercial
Praça dos Restauradores, 27

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.

Chronica Occidental

Ha quem chame aos proverbios a sabedoria das nações. Mas quantos proverbios nos enganam? Estou quasi em affirmar que nada ha mais mentiroso do que a experiencia dos homens. Fossemos lá fiar-nos, por exemplo, no decantado verão de S. Martinho, invenção d'alguma cincoentona de chinó loiro e pó de arroz a querer nos intrujar com seus encantos. E' ámanhã S. Martinho, dia dos borrachos que vão provar o vinho novo. Pois hão de calcurriar muita lama até casa... ou até á esquadra.

Não foi mau tempo, apenas, foram verdadeiros temporaes que sobre nós desabaram algumas d'estas noites. «Nem tanto ao mar, nem tanto á terra!» dizem os lavradores voltados para o céo.

Houve no Tejo bastantes desgraças e suppoz-se até que houvessem morrido alguns tripulantes de fragatas afundadas. Em Lisboa e nos arredores o vento fez grandes prejuizos nas arvores, principalmente nos jardins do Principe Real, Amoreiras e Campo de Sant'Anna. Trincheiras desmoronadas, principalmente nas linhas do Minho e Douro causaram grandes atrazos aos comboios.

E o mau tempo promette continuar. Não tardarão as queixas dos lavradores a quem o céo não quer conceder aquelle meio termo em que assenta a felicidade humana.

E' triste o céo com raras apparições de sol; não é menos triste a terra em que vivemos e que tão poucas novas nos offerece consoladoras.

Com mais do que um necrologio havemos de encher as linhas d'esta chronica e poucas linhas poderemos escrever fóra dos travessões de luto. A politica não nos fornecerá muitas noticias d'esta vez, o que não quer dizer que, mais uma, não tenhamos que deplorar os seus excessos. De mais um duello ella foi causa, e só o acaso permittiu que, realisado elle em condições mais graves do que é de uso entre nós, não tenhamos que lamentar o desastre de que poderia, fosse qual fosse o infeliz, ter sido victima alguem de valor. Um dos combatentes, muito novo, deu brado em Coimbra pelo seu espirito, por mais d'uma vez, demonstrou o seu talento; o outro, filho do que foi gloria do jornalismo portuguez, honra a memoria de seu pae. Se alguma maior desgraça houvesse a qualquer d'elles succedido, o luto seria geral e triste vida arrastaria com seu remorso o adversario.

Não queremos reeditar o que já uma vez aqui escrevemos junto a um sincero *meia culpa*. Casos posteriores não fizeram senão confirmar a nossa opinião de agora e que, infelizmente, não foi de sempre. Um minuto de colera e uma convenção social das mais indefensaveis ante um bocadinho de razão, não podem, não devem nunca ser causa bastante para um suicidio e para um remorso. Deus manda não offender e manda perdoar as offensas. Isto é que deve lembrar sempre, e diga a outra gente o que quizer.

Que linda morte, depois d'uma prolongada vida de trabalho, querido dos seus, por todos respeitado, acaba de ter o sabio portuguez José Vicente Barbosa du Bocage! Não ha bençam de Deus egual á d'um acabar assim! Um homem olhar para um longo passado, ver sempre o seu dever cumprido, e, ao encontro da morte, ouvindo o soluço dos seus — ainda um bocadinho de gratidão para a vida — encontrar na morte o descanço.

Ha pouco mais de quatro annos, em sessão solemne da Sociedade de Geographia, sendo orador o sr. Eduardo Burnay, lente da Escola Polytechnica, foi concedida a seu antigo presidente a medalha de oiro que pertencêra a José de Anchieta, um sabio nosso que viveu e morreu no sertão africano. A todos commoveu ver entrar o velho Barbosa du Bocage, cego, pelo braço da esposa, com cuja collaboração elle continuava trabalhando, socegado, feliz em seu lar, com a alma cheia de luz que nos olhos lhe faltava.

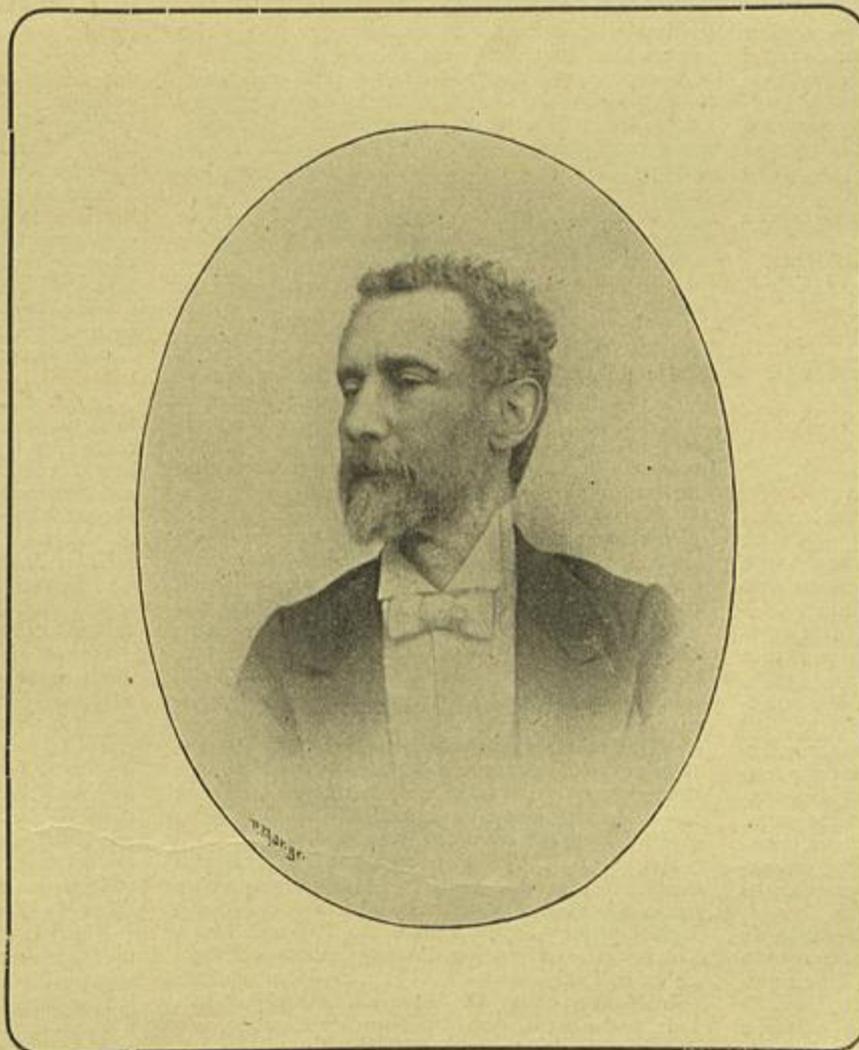
Despachado lente da Polytechnica pelo Costa Cabral, cuja politica elle combatera com as armas na mão, director do museu de zoologia, que tudo lhe ficou devendo, organisação e quasi criação, bem lhe ficou sobre o peito a medalha com que foi galardoado.

Quando alguma vez Portugal precisou de seus serviços, o saudoso Barbosa du Bocage deixou o seu querido gabinete de trabalho. Deputado e par do reino, foi ministro da marinha e dos estrangeiros, ainda no tempo de Fontes Pereira de Mello, e esta mesma pasta geriu, n'um momento bem difficil, após o ultimatum de 1890.

Já nova homenagem lhe prestou agora a Sociedade de Geographia. Reliquia viva de melhores tempos, de mais arreigados e sãos principios, lhe havia Eduardo Burnay chamado. Quatro annos ainda viveu o honradissimo velho, quatro annos em que cresceu sua fama de honradissimo.

O illustre morto era conselheiro de Estado e, como não podia deixar de ser nos tempos que vão correndo, é muito discutido o nome do que irá substituil-o. Dizem alguns que será o sr. Teixeira de Sousa e sobre essa hypothese já muito se devaneou; fala-se do sr. Mello e Sousa, franquista; fala-se do sr. Conde de Sabugosa, mordomo-mór da Casa Real.

E, já que o acaso quiz que de politica fallassemos e como não deixa de ter importancia o telegramma de Londres sobre os chocolateiros calumniosos, copiemo-lo aqui: «Causou grande admiração nos centros coloniaes de Londres a exaggerada importancia que a imprensa portugueza tem dado ás noticias das deliberações tomadas pela camara de commercio de Liverpool, de que é presidente Cadbury, fabricante de chocolate, a que nenhum dos importantes jornaes inglezes se referiu e que o governo inglez não tomou em consideração, attendendo ao caracter visivelmente interesseiro das accusações formuladas.» Se até elles o dizem!...

Mas temos de voltar á part deveras triste, que tem de ser hoj a maior da nossa chronica. Nã

DR. XAVIER DA CUNHA

DIRETOR DA BIBLIOTECA PUBLICA DE LISBOA

nos bastava ter de lamentar a morte d'um grande homem; outros ainda devem ter cabimento n'esta relação; e, como se de proposito fosse para que nunca nos falte o contraste, um pobre doido havemos de mencionar crudelissimamente assassinado por um seu companheiro de quarto, no hospital, de Rilhafolles. Uma verdadeira tragedia foi, ainda ennegrecida pelo logar da acção e pelo desgraçadissimo estado dos actores que n'ella entraram.

A morte do pobre doido não lembra senão lagrimas; de duas ainda tenho de falar que lembram muitas alegrias. Nenhuma dôr maior, dizia o Dante.

Falleceram agora, e no mesmo dia davam os jornaes a noticia, o maestro Rio de Carvalho, que tão conhecido foi das platéas populares, e o actor reformado Cesar de Lima, que tantas noites brilhou ao lado dos maiores artistas no theatro de D. Maria.

Rio de Carvalho escreveu musica para muitas magicas, operettas, parodias e revistas; Cesar de Lima, depois de, na sua mocidade haver sido um primeiro galan comico, fazia ultimamente centros com immensa graça. E não ha maneira de os recordar, um ou outro, sem que um sorriso nos venha por momentos desfazer a expressão de tristeza em nosso rosto. Um e outro nos recordam momentos de alegria; aquelle umas coplas cheias de vivacidade, este um dito comico que levantou hilaridade n'uma sala á cunha.

Eram bastante velhos os dois artistas.

Uma das minhas maiores alegrias de creança foi no theatro das Variedades uma representação da magica de Eduardo Garrido, *A Pomba dos Ovos d'Oiro*. O que eu ri com o Antonio Pedro e outros actores, que achei muito bons e de quem esqueci os nomes, e actrizes que me pareceram lindas e devem ser hoje bruxas horrorosas! Quando, depois, no collegio, eu me punha a rever a magica, e seus deslumbramentos, era de Rio de Carvalho a musica que me soava nos ouvidos encantados.

Cesar de Lima, que, fóra de scena, tambem tinha immensa graça, deixa, para a historia anedoctica do theatro, um bom numero de capitulos. Um dos melhores consta d'um rapto por elle perpetado em Alcantara, contra uma rainha Ignez de Castro, que elle trouxe na garupa d'uma pileca de aluguer até á Praça da Figueira. Vinha a nascer o sol quando foi acclamado por todas as collarejas.

N'esse tempo havia muito menos policia em Lisboa; mas, diga se a verdade, não era precisa, que os gatunos eram tambem muito menos.

Os artistas estavam velhos, o que quer dizer bastante esquecidos. Mais que no theatro que foi se pensa agora no que ha de ser. Já os jornaes publicaram o elenco da companhia que ha de funccionar em S. Carlos e annunciaram o repertorio em que figuram as peças novas: *Tristão e Isolda* de Wagner, *Christovam Colombo*, de Franchetti e *Madame Butterfly*, de Puccini.

A chuva continúa e o cheiro do inverno acorda saudades da musica.

João da Camara.

DR. XAVIER DA CUNHA

(Tentativa de esboço)

Como nunca genuflectimos diante de escolas litterarias nem curamos de indagar o que pensam tertulias e conrobias, nunca perguntamos a um talento pela sua notoriedade: perguntamos pelo seu valor, pela sua consciencia, pelo seu merito.

E' que a notoriedade, muitas vezes, corre parelhas com a de Erostrato ou, pelo menos, com a de Alcibiades.

Vem então mais da audacia que do valor intrinseco.

Faz-se tambem por influencias politicas, por ternura adocicada de damas frivolas, por astucia machiavelica do semi-deus cujo genio não raro consiste só em saber explorar as amizades ingenuas, caçar jornalistas, lisongear criticos, intrigar, mentir, deprimir com ferocidade e estrategia, estrangular no silencio os valiosos, ou apoteosar os estereis e incaracteristicos.

Assim houve no seculo XVIII a consagração de Bertin, o que não obsta a que Voltaire, com todo o seu horrivel scepticismo, lhe não seja hoje superiorissimo. Tivemos Pedro Andrade de Caminha pontifice, quando Camões mendigava um editor; e Caminha é mediocre, ficando Camões ao lado de Homero e Virgilio, para todo o sempre.

Tremeram muitos de Aristarcho, Pollion e Zoilo... e os seus condemnados são incontestados genios, astros do Bello.

E' que a notoriedade só é perduravel, quando puramente justa. Sendo-o, póde o critico ter a força genial de Voltaire, que Shakespeare e Milton são verdadeiras glorias da Humanidade.

E, por exemplo, Shakespeare não teve inimigos pequenos, desses que, varridos como mosquitos com um simples espanador, morrem... embora ferroando e zumbindo.

Além do que soffreu de Voltaire, o tragico do *Hamlet* soffreu do poeta Dryden este remoque: «*A liga de Shakespeare é velha.*» Shaftesbury, impando de desdem, escreveu esta sentença fulminante: «*O estylo do velho menestrel é grosseiro e barbaro.*» Pope, o Boileau da Inglaterra — e talvez o seu Horacio, como queria o poeta da *Henriada* — julgou assim Shakespeare: «*Escreve para a populaça. Não attenta nos espiritos cultos.*»

Chateaubriand, como que por favor, dizia do *Hamlet*: «*E' a tragedia dos alienados*»

Ben Johnson, implacavel de ironia, se o não fôra de evidente má-fé, disparou isto: «*Shakespeare é mais cómico do que tragico*»! Era como se dissesse: «*A Illiada e a Eneida... que deliciosas comedias!*»

Peores insultos ainda, e de homens cheios de notoriedade, e, portanto, de auctoridade, embora de momento, crivaram Torquato Tasso, lord Byron, Antonio Feliciano de Castilho, e outros. Mas os criticos, de Crusca, de Edimburgo ou de Coimbra, nem todos ficaram immortaes dos de Coimbra alguns soffreram, como que num castigo de Deus, egual injustiça — e o poeta da *Jerusalem*, o poeta do *D. Juan* e o poeta dos *Ciumes do Bardo* vivem na Historia, dia a dia, mais colossaes, mais soberanos, mais radiantes.

E não só o descredito do vituperio e da negação (sempre sem análise) de qualquer valor, está resultando inutil da lição dos tempos: tambem cái, fruste, miserandissima, a conspiração do silencio, arma que seria invencivel, se não houvesse uma Justiça imminente, e portanto Deus, a Verdade suprema e incorruptivel.

*

Procurando com um facho nas trevas de hoje *alguns homens* — mas sem querermos o synonimo de Diógenes — temos, por fortuna, encontrado notoriedades justas, mas tambem se nos têm deparado relativas e injustissimas obscuridades.

Tendo de respeitar os *grandes* que o capricho duma local póde ir pescar na vasa das lettras — e o nosso respeito será a da mais serena espectativa — démo-nos, ha muito, á tarefa de procurar os que, depois de colherem auspiciosos loiros, parecem esquecidos de propósito, talvez para não se irritarem os ócos e os infecundos, ou os bons homens de producção dolorosa e exótica.

Vêmos, ha bem tempo, uma radiosa trindade que, noutro paiz, já teria a popularisação devida e que só a ignorancia póde negar lhes, ou contrariar-lhes, hoje que a Justiça vae triumphando em todos os povos cultos.

A trindade é esta: José Ramos Coelho, dr. Xavier da Cunha e o visconde Julio de Castilho.

De Ramos-Coelho, historiador eminente, poeta vigoroso e adoravel, critico, erudito infatigavel trabalhador, já nós deixámos aqui não a sua estátua, mas o seu busto; não a sua figura toda, mas o seu sumido perfil. Ajudou-nos, fidalgamente, com um ardor cheio de prestimo, em notas e livros, o dr. Xavier da Cunha e a boa-vontade dum espirito eleito, primoroso e desafétado escriptor, ou seja o timoneiro do Occidente, o sr. Caetano Alberto.

Chegou agora a vez ao dr. Xavier da Cunha, polygrapho tambem, poeta duma doçura que parece grega pelo atticismo e pela serenidade, opusculista prodigioso de erudição, de criterio, de excellente chiste lusitano, um erudito infatigavel, um contista original e simples como todos os artistas de raça.

Vêm valer-nos nesta nova tentativa José Ramos-Coelho com as suas notas e alguns livros do distincto escriptor em fóco, e ainda Caetano Alberto, tão despretencioso e tão talentoso, dando echo ao minusculo brado da nossa consciencia.

Bemditos os Cyrineus, para que Portugal não continue, sem um protesto, embora pequenino como o nosso, a sepultar no olvido poetas como Ignacio Pizarro Moraes Sarmento, Pedro de Lima, Lobato Pires, Hamilton d'Araujo, Alexandre Braga (pai), Padre Moura Sêcco; prosadores eruditos e brilhantes como D. Antonio Thomaz da Silva Leitão e Castro, que foi Bispo de Lamego, e o dr. Cassiano Neves, pai dum joven medico e tribuno illustre, do mesmo nome; além de dispensar *alguma gloria* a outros como João de Lemos e Sebastião Pereira da Cunha, Simões Dias e Mendes Leal! Bemditos, de gentilissimos!

*

O dr. Xavier da Cunha pareceria logo notavel, aos simples traços geraes da sua biographia. Como todas as individualidades superiores, biographal-o é já destacál-o.

Alemtejano, natural de Evora, tem toda a doçura, amor-patrio e distincção dos filhos daquella antiga côrte de Sertorio, da cidade que foi assim, no dizer de André Garcia de Rezende: «*Houve em Evora cidadãos notaveis: a que ha cidade pos memoria a custa publica por assi o terem merecido.*» *(Antiguidades de Evora, ed. de Bento Farinha.)*

Corre-lhe nas veias o sangue generoso dum austero e heroico setembrista, radiante de fé nos seus ideaes, consciencia tão alta como firme. Seu pai, Estevão da Cunha, depois de occupar logares elevados como o de governador civil, emigrou para poder viver digno, e do exilio voltou para morrer na Patria, pobre, mas honrado, como elle queria a mesma Patria.

Mas afabilidade e primor fidalgo, sincero amor da-patria, e aprumo empolgante de porte, não bastaram ao espirito do dr. Xavier da Cunha, tão inconfundivel no captivante exterior da sua pessoa como na delicadeza dos seus sentimentos. O illustre eborense aparece em Lisboa a frequentar a Escola Medica, e é distinto entre os distintos. Exerce a clinica e affirma se tão zeloso como proficiente.

Depois, attrahido pelas lettras, pelos livros, concorre ao logar de 2.º conservador da Bibliotheca Nacional. O seu concurso é uma gloria: triumpha como poucos o têm conseguido. E, entretanto, já resplandece nas boas lettras, como poeta e como erudito. Apparece quasi de subito, e é um mestre. Começa, e parece nos um consagrado.

O delicioso *Olympio de Freitas* de tantos primores litterarios é o profundo e impagavel collaborador de Ramos-Coelho e de Peragallo na publicação commemorativa do Descobrimento da America — *Alguns documentos do Archivo da Torre do Tombo*, etc.; dirige brilhantemente as publicações populares da Casa Corazzi; collabora no *Diccionario contemporaneo;* produz, sem descanço, obras monumentaes como as *Impressões Deslandesianas* (1228 paginas, notas profundas, noticias admiraveis de erudição e critica) e como a *Pretidão d'Amor*, as (*Endechas de Camões a Barbara Escrava* em todas as suas traducções em dezenas de linguas e dialetos), antecedidas dum seu estudo, digno de Sainte-Beuve e, por vezes, egual ao que de melhor fez Taine, e seguidas de paginas ainda de boa analyse, de ironia deliciosa e graciosa, do estylo cantante, puro e espontaneo — sempre fidalgo — que tanto distingue tambem Julio de Castilho nesse monumento, que Portugal hade ler, quando *souber ler*, a *Lisboa Antiga*.

Director da Bibliotheca Nacional, *mas deveras*, lhano para todos, sabedor infallivel, e tudo isto com gentilezas que hypnotisam e o cercam de affectos, apezar de vergado de trabalho, e de ser um pouco debil de organismo, o dr. Xavier da Cunha é sempre o escriptor fecundo: e um diluvio de opusculos corre com o seu nome sobre os espiritos dos que ainda estudam em Portugal, com consciencia do que é o estudo.

Assim a sua obra, que nos é impossivel nomear toda, impõe-se até pela variedade dos assumptos, nesta lista incompletissima:

A Excelsa Rainha D. Maria II; A exposição petrarchiana da B. Nacional de Lisboa; A medalha de Casimiro José de Lima em homenagem a S. Martins; Especies bibliographicas e especies biblias; Revoadas da peste bubonica em Lisboa nos seculos XVI e XVII; L'Armurier de Santarem (ed. de Saint Etienne); Retrato de Sá de Miranda; Sepultura de Garrett; Homenagem a Vasco da Gama; As cartas amorosas de Garrett; Uma carta inedita de Castilho; Uma carta em verso ao conde de Ficalho; Religiões .. e Religião; Rabiscos e Ligações; A Epopeia das Navegações Portuguezas; Uma aventura em caminho-de-ferro; Uma carta inedita de Camões; O Livro do Natal; Fabulas e Apologos; Noticia dum precioso livro; Os heróes de 1640; Francisco Henrique Ahlers; etc., etc., além de innumeros e brilhantes prefacios, entre os quaes é admiravel e admirado o que abre a monumental traducção do *Inferno* de Dante por Domingos Ennes.

Não bastam estes apressados tópicos para vermos que está diante de nós uma individualidade superior? Não — bem o sabemos. Mas, ás vezes, lançar uma pedra branca para alicerce, estimula a que a desbastem, e sobre ella érgam depois um edificio.

*

Seja como fôr, não nos furtaremos a uma ligeira analyse do seu talento peregrino. Deixaremos o

prosador fluente, amavel, e tambem caustico, dos *Riscos e Ligações*, onde ha uma esplendida galeria de figuras cheias de verdade e d'alma.

Tenta-nos irresistivelmente o poeta. *Religiões. . e Religião*, o seu poemêto encantador, servir-nos-ha de base ao perfil—com pretenções a retrato—do verdadeirissimo poeta.

Abrâmos o poemêto. Julgareis ler o Garrett dos versos religiosos dentro do Castilho da palavra d'oiro. Não vereis o fogo hugoniano de Ramos-Coelho nas suas ódes: gostareis, sim, o vago e dulcissimo devaneio dos Lamartines e Mussets.

Quereis um extasis, singelo como a verdade, cantante como as aguas mansas? E' só escutá-lo:

Oh! que não sei doçura comparavel
A' de um presepio, onde o Menino Deus
Nos sorri prazenteiro co'a ineffavel
Graciosidade dos olhinhos seus!
Maria e seu Esposo, embevecidos,
Contemplam da creança as formosuras...
No estabulo ajoelham animaes,
Respeitosos, rendidos,
Como se fôssem elles creaturas
Com dotes racionaes...
Sentem-se entanto uns mysticos ruidos,
Ondulações suavissimas e puras
De azas d'anjo que vem das celestiaes
Mansões do Eterno, e os labios seus descerra
Clamando: «Gloria a Deus lá nas alturas
E aos homens paz na terra!»

Melodia, pureza de rythmo, verdadeira Fé, sinceridade profunda de sentimento. Mas, sobre tudo isto, uma sincera saudade — uma profunda nostalgia.

Linguagem vernácula e doce como a de Bernardes. Riqueza sem affectação, grandeza sem estrondo.

Que a saudade delle nem se define...

De presepios... que scenas tão variadas
Que na provincia em pequenino vi!

E logo a ironia acerada:

(Eu sou provinciano:
Em Lisboa as pessoas «illustradas»
Só tratam do «profano...»)

Mas o sentimento retoma o cantico:

E que enlevos de espirito senti!...
(Meu Deus! com que saudade o penso agora!)
Então .. naquella edade encantadora,
Que infinitas delicias pullulavam
No cultivo fiel destes costumes
Em que meus pais mui crentes me educaram!
Dir-se-hia até... que divinaes perfumes
De ineffavel fragancia
Me brotavam alli
Dos vistosos presepios que na infancia
Tantas vezes eu vi!

E o poeta subjectivo, o delicado sonhador, o sincero crente, é poderoso pintor tambem:

Noutro sitio, uma fonte,
Onde nos surde com festiva graça
Um grupo de lindissimas mocinhas
Que vem agua buscar
Em suas elegantes cantarinhas
De barro mui vermelho e luzidio!
Mais a distancia, um prateado rio
E um barquito a vogar,
A vogar... a vogar .. todo enfunado!
A cada passo, um quadro encantador,
Em quadro delicado,
Figura a phantasia do esculptor
Scenas aldeãs, patriarchaes costumes!
Ao centro, sobre um morro alcantilado,
Jerusalem formando um coruchéo,
A irradiar balsamicos perfumes!
E, por cima, de estrellas marchetado,
O puro azul do céo.

. . . .

E... o artista é tão grande, emfim, que nós ficamos sinceramente á espera de que venha alguem, muito maior do que nós, a estudá-lo e a revelá-lo em todo o seu valor.

*

De todo o radioso marmore desta figura extrahimos, porisso, tão pequena amostra .. e ficâmos tranquillos de consciencia. Deixamos, ao longe, entre verdadeiros monumentos, o sabio, o critico, o bibliographo, o contista: fica-nos aqui, entre alguns seus gorgeios rápidos, o poeta, o crente, o homem de coração e de fé. Isto é pouco? Mas este pouco que apresentamos vale pelo muito de muitos. Uma destas joias, que roubamos ao escrinio do dr. X. da Cunha, vale tantos verdadeiros thesoiros, que facilmente se imagina toda a sua esplendida riqueza.

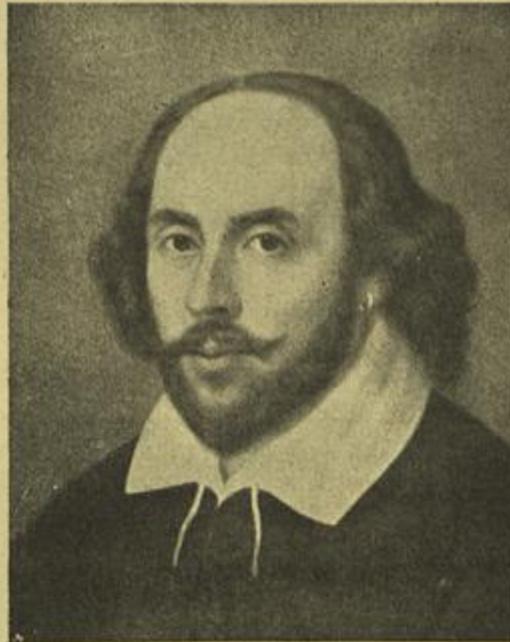
Depois — como já o dissémos — isto não é um estudo: é um brado. A sua obra vive ahi numa especie de penumbra. Collijam na em bons volumes, divulguem-na, estudem-na com profundidade e serenidade, e verão como o dr. Xavier da Cunha da lenda — um sabio austero e infatigavel — se volve no dr. X. da Cunha da realidade: eminente sabio, sim, mas, talvez ainda mais, esplendido contista e delicioso poeta!

Não verão só o trabalhador herculeo: verão a águia... E' verdade que com meiguices de rouxinol e de pomba.

José Agostinho.

THEATRO DE SHASKESPEARE

I

No theatro a primeira figura que se apresenta, eclipsando todas as outras, é, sem duvida, a de William Shaskespeare. Propriamente fallando, não tem antecessores nem successores. Shaskespeare, por si só, constitue um theatro; mas de tal amplidão e magnitude, no tocante ao conhecimento da alma humana, que não encontrou ainda egual em nenhuma nação nem em tempo nenhum. Aquelle poderoso genio não se sente prêso pelas cadeias da imitação.

SHASKESPEARE

Busca em si proprio a fôrça dramatica e encontra-a varia e inexgotavel, empregando-a com calôr e impeto incomparaveis, sem cuidar do que fizeram grêgos e romanos.

A um espirito observadôr de extraordinario alcance, a uma sensibilidade previlegiada e a um sentimento poetico de primeira ordem, juntava Shaskespeare a imaginação mais fecunda, mais flexivel e mais universal que nunca nenhum sêr na terra possuiu. Era a sua faculdade soberana.

Tudo abarcava aquelle singular engenho. O real e o ideal, o bom e o mau, o riso e o pranto, o material e o phantastico, o positivo e o abstracto, o terrestre e o divino, tudo elle comprehendia e expressava. Como ninguem, possuia o segredo das paixões humanas, e não se contentava, como outros poetas esclarecidos, com a impressão superficial e, por assim dizêr, poetica, do movimento da vida. Era eminentemente profundo e analytico, e descia sempre, para surprehender-lhe os mais reconditos impulsos, ao amago do coração. Reunia e amalgamáva em maravilhoso conjuncto os grandes instinctos do poeta, do historiadôr e do philosopho.

Teem-n'o accusado de dar nos seus quadros demasiado realce á perversidade humana. O facto não soffre duvida; mas a accusação é propria de uma critica esteril e apoucada. Shaskespeare não conhece meios termos. Retrata com pincel vigorôso, tanto a perversidade como a virtude, porque as suas figuras não são copias individuaes da vida commum; são emblemas dos affectos e das paixões dos homens, e estes emblemas devem sêr pintados com grandesa e chegar ás consequencias extremas dos moveis dicisivos das acções humanas. N'isto coincide Shaskespeare, sem sabel-o, com o theatro grêgo, que tudo engrandece, levantando o mau e o bom a uma esphera ideal.

Os crimes das personagens de Shaskespeare são gigantes, porque gigantes são as concepções d'este extraordinario homem. Shaskespeare bebera, em vicissitudes desventuradas e humilhantes, o fél da vida, e em geral propendia a considerar a humanidade sôb um aspecto extremamente severo e sombrio. Iago e Ricardo III são o ideal da maldade; mas quão odiosa elle a apresenta! Quão distante está Shaskespeare, n'esta parte, dos escriptores modernos, de lord Byron, por exemplo, que se compraz em revestir D. João, Cain, Sardanapalo e outras personagens perversas, de certo verniz de estupida grandesa! Este afan de crear *criminosos sublimes*, que por desgraça se encontram em muitos dos nossos romances vulgares, monstruosas aphotheoses de sanguinarios bandoleiros, não cabia no entendimento são de Shaskespeare. Despedáça, ás vezes, sem a minima consideração, a alma e os olhos, com espectaculos horrorosos; mas fál-o, buscando n'isso uma lição moral. Os seus delinquentes são o que devem sêr na scêna; verdadeiros delinquentes, repugnantes e desalmados. Que importa que no theatro a perversidade manifeste todo o seu poder e tire a mascara a todos os segredos, se o poeta logra com elles inspirar ao espectadôr aversão e espanto? Até as mulheres dos dramas de Shaskespeare, causam indisivel horror, quando elle as desenha dominadas por abominaveis instinctos. Goneril, ladi Macbeth, Cressida, são quadros magistraes de depravação feminil. Shaskespeare não se contenta, como quasi todos os escriptores dramaticos, com esboçar os effeitos das paixões ruins; pinta-lhes os revêzes, a fôrça progressiva que corroe e tyrannisa o coração, e acaba por apresentar os seus desastrosos effeitos, como logicas consequencias dos desvios das almas desgraçadas.

Este é o alto ensino moral da scêna e n'elle ninguem se avantaja ao grande dramaturgo inglês.

Quando, pelo contrario, quer descrever o aspecto nóbre e risonho da humanidade, quem, como elle, sabe desenhar typos de gloria, de virtude e de grandêsa moral? João de Gaunt é um modêlo veneravel da lealdade, de um cavalleiro comparavel aos do theatro hespanhol, fertil e copioso campo de virtudes cavalleirosas; Ricardo II, corrigido na amarga escóla do infortunio das suas loucuras juvenis, é um dos caracteres mais nóbres e levantados que póde offerecêr a historia das perturbações politicas dos Estados.

Possuido da alta ideia de que, embora desthronisado, deve manter intacta a magestade dos monarchas, vê na sua pessoa, mais que um homem, uma instituição sagrada, e este sentimento infunde-lhe no animo uma fortalesa sublime que o impede de manchar, no mais minimo, o seu augusto e indelevel caracter.

Mas a figura de Henrique V eclipsa, em arrojo, em lealdade, em cortezia, todas as outras personagens. E' um modêlo de monarchas, de adais, e de cavalleiros.

Nos caracteres de mulher chega o genio de Shaskespeare á mais alta perfeição. Este *titan da tragedia*, como lhe chama a Allemanha moderna, este escriptor que, sem contemplação com a parte melindrosa do publico, leva até á violencia a pintura do crime nas almas desenfreadas, retrata as mulheres innocentes e puras, com uma delicadêsa, a que ainda chegou nenhum escriptor dramatico. Não são as *viragos* politicas de Corneille; são mulheres verdadeiras, com o seu encanto, com a sua irreflexão e ardentissimos affectos. Desdemona, Viola, Ophelia, Miranda, Cordelia, Julieta, Virgilia, Pmógenes, que coro de anjos! Todas estes mulheres são differentes. Assemelham-se apenas na candura, na fidelidade, no amôr a Deus e aos seus devêres, na nobreza dos seus sentimentos, n'esse encanto indefinivel da mulher honrada, que Shaskespeare sentia com intenso fervôr.

O espirito christão e cavalleiroso da edade media, contrastando n'isso abertamente com a civilisação pagã, idealisára o amôr e convertera este sentimento em um mixto de affecto humano, e veneração divina. Shaskespeare vivia em um tempo em que se não haviam intibiado ainda aquellas mysticas tendencias, que grandemente quadravam com a indole genial do poeta. Não aborrecia, como Euripides, o amôr. Pelo contrario! *«o amôr é o meu unico peccado»* dizia elle donairosamente e a perfeição ideal d'aquellas celestiaes figuras demonstra que levava até ao extase a delicada ternura e a especie de adoração que tão enthusiasticamente lhes consagrava.

Mario de Santa Rita.

Vitória das armas portuguêsas contra os Dembos

Quando ainda resoavam os écos da vitória das armas portuguêsas contra os cuamatas, já o telegrafo comunicava novas vitórias das nossas armas contra os Dembos, assegurando a ocupação desse país, rebelde á soberania de Portugal desde mais de um seculo, se póde dizer.

Eis o telegrama, que em sua laconica linguagem comunica a comovedora noticia:

«*Loanda*, 24. — O governo recebeu hoje um telegramma do commandante da columna contra os Dembos communicando haver tomado no dia 20 a banza Gimbo Amuquiamo e no dia 21 a banza do famigerado Cazuangongo, sendo grande a resistencia do gentio aos assaltos das forças portuguezas. A columna teve de operar sob intenso fogo.

«Não obstante os grandes obstaculos, deparados atravez das espessas mattas, o gentio não conseguiu concentrar-se, taes eram a rapidez e impeto das tropas, que se portaram com arrojo inaudito.

«A columna teve de vencer differenças de nivel de 500 metros e transportar nos braços o material em enormes desfiladeiros.

«Estão sendo construidos postos militares que garantam communicações entre as banzas de Gimbo Aluquem e a antiga séde do concelho.

«A columna prosegue a marcha logo que tenha aberto communicações necessarias.

«A impressão causada n'esta cidade é excellente.

«As baixas da columna foram poucas: apenas 1 indigena morto e 8 feridos, dos quaes 4 europeus.»

CAPITAO JOÃO DE ALMEIDA

COMANDANTE DA COLUMNA DE OPERAÇÕES CONTRA OS DEMBOS

Telegramas recebidos depois confirmam esta primeira vitória e noticiam a continuação das operações com feliz resultado para a ocupação do país dos Dembos.

Não é preciso exaltar o feito que por si fala bem alto, nem encarecer as vantagens que para a integridade do nosso imperio colonial delle resultam.

Mais um valente e ousado capitão do exercito português soube condusir á vitória seus irmãos de armas, atravez de todas as dificuldades de uma guerra num país por desbravar, com todas as emboscadas e defezas naturaes só conhecidas dos seus indigenas.

O capitão João de Almeida, comandante da columna de operações contra os Dembos, quando, em 1893 concluia seu curso na Escola do Exercito, logo ali mostrou seu denodo nas provas finaes em que um dos pontos era o assalto a um reduto levantado na cêrca da mesma escola. Foi elle o que mais se distinguiu nessa prova, pela presteza e arrojo com que realisou o assalto, levantando o aplauso unanime da numerosa assistencia a que presidia El-Rei.

Com o mesmo arrojo procedeu no campo pratico agora, que os deveres do seu posto o levaram a defender a integridade do territorio português em Africa, comandando um punhado de valentes que cooperaram na sua obra.

Dissemos que ha mais de um seculo os Dembos combatiam o predominio dos portuguêses no seu país, internado na provincia de Angola, e de facto assim é, como consta de antigas comunicações

NO PAIS DOS DEMBOS, UMA QUIBUCA

UMA EMBAIXADA DOS DEMBOS EM LOANDA

NO ALTO DANDE, FRONTEIRA DOS DEMBOS

feitas pelos regentes da então provincia dos Dembos, aos governos da metropole.

Seria longo respigar essas comunicações que a datar de 1811 chegam até 1871, relatando os átos de rebeldia daquelle povo e do seu constante despreso pelas ordens dos governos da provincia e da metropole. Isto levou o governo de Angola, em 1870, a mandar um destacamento para reduzir á obediencia os Dembos, o qual foi derrotado. Nova expedição foi enviada mas sem melhor resultado, organisando se em 1872 outra expedição que, não obstante ter conseguido transpôr o rio Zenza, não foi mais feliz que as anteriores, sofrendo grandes perdas, que a impossibilitaram de proseguir.

Desde esse anno os Dembos consideraram-se independentes e a soberania portuguêsa completamente anulada naquelle país.

Mal se compreende como os governos de Portugal deixaram até hoje, encravado na provincia de Angola, um povo rebelde, com prejuiso grave para a integridade dos nossos dominios e do comercio da provincia, tanto mais sendo aquelle país um bom centro de produção agricola, em que se conta o café, a borracha, o oleo de palma, o tabaco, o algodão, etc. Mas não ha que estranhar, se atendermos ao abandono, em que por tantos annos e até seculos, se tem deixado os nossos dominios coloniaes.

Bom seria que surgisse agora uma nova era de renascimento para este país, e que não ficasse perdido o esforço dos filhos desta patria que ali foram sagrar com seu sangue o solo do nosso imperio colonial.

Ocupado o país dos Dembos, persuadido o seu povo a entrar em franco e livre comercio com os portuguêses, uns e outros terão a lucrar e ficará livre a provincia de Angola de um fóco de rebelião com todas as suas funestas consequencias.

O país dos Dembos é montanhoso e cortado de rios que fertilisam seu territorio. Internado na provincia de Angola, limita se ao Norte com o Enconge, ao Sul com o Gollongo-Alto, a Leste com a colonia Duque de Bragança e a Oeste com os concelhos de Zenza do Gollongo e do Alto Dande. As povoações principaes de que se compõe, são: Canatola; Candolo; Sassa, entre as quaes ficam as sanzalas Quissango; Acafuma, residencia do soba Cabunga-Cahui; Mantadala; Cabebele; Zanga; Namboa ou Canguenhe; Cazuongongo, banza ocupada agora pelas tropas portuguêsas; Quilenba; Catumba; Catende e Mutó.

A sua população é calculada por uma estatistica de 1872, em cêrca de 12.000 almas das quaes só metade são cristans.

No país dos Dembos as mulheres é que fazem o trabalho dos campos e os homens só se entregam ao comercio dos produtos agricolas.

Alem das condições deste país de bom clima, e favoraveis á agricultura, possue tambem minas, sendo importantes os jazigos auriferos nas margens do rio Lombige que, com o Zenza, contornam a região dos Dembos até junto do Gollongo-Alto, onde entram no Bengo.

BUSTO EM BRONZE DO SR. DR. JOSÉ JOAQUIM VIEIRA FILHO
(Esculptura de Fernandes de Sá)

Um busto em bronze do sr. dr. José Joaquim Vieira Filho

A reprodução grafica nas paginas do OCCIDENTE do busto em bronze do sr. dr. José Joaquim Vieira Filho, mira ao duplo fim de apresentar a nossos leitores mais uma obra de arte do talentoso

CONVIVAS DO «PIC-NIC» DE PIONEIROS DE LOURENÇO MARQUES COM MAIS DE 16 ANNOS DE RESIDENCIA NA COLONIA

(Fotografia do sr M. Lazarus)

esculptor portuense sr. Fernandes de Sá, e o de nos podermos referir ao distintissimo medico que ella representa, e que é seguramente um dos mais valiosos cultores da ciencia medica em Portugal.

O busto destinado a ornar o Instituto Dermoterapico do Porto, fundado pelo sr. dr. Vieira Filho, honra a arte portuguêsa, como o ilustre clinico honra a ciencia que professa.

O sr. dr. Vieira Filho é medico cirurgião pela Escola Medica do Porto, mas completou a sua instrução cientifica em França e na Austria, tendo sido alumno do Instituto Pasteur de Paris e do Instituto Anatomo Patologico de Vienna. Alem d'isto foi preparador do Laboratorio e Gabinete de Radioterapia da Faculdade de Medicina de Paris, no hospital de Saint Louis e alumno durante tres annos das clinicas especiaes dos professores Fournier, Brocq, Darier e Guyon de Paris e dos professores Kapori, Neumann e Finger, de Vienna d'Austria.

E' com este cabedal de estudo e de pratica que o sr. dr. Vieira Filho mantem a justa reputação de excelente clinico, principalmente das doenças de péle e sifiliticas, especialidades a que mais se dedica.

Um "Pic-nic" dos pioneiros em Lourenço Marques

A ultima mala da Africa Oriental, trouxe-nos a noticia de uma festa de confraternidade entre os mais antigos residentes europeus em Lourenço Marques, que se realisou no domingo, 29 de setembro, em Muguene, na linha ferrea da Swasilandia, acompanhando essa noticia uma béla fotografia do grupo dos convivas, em numero de 46, a qual reproduzimos neste numero do OCCIDENTE como documento autentico da salubridade da colonia de Lourenço Marques, visto que os convivas que figuram naquelle grupo são todos europeus que ali vivem ha mais de 16 annos.

Este documento é mais uma prova do que no OCCIDENTE se disse sobre aquella rica colonia, nos capitulos VII e VIII do artigo *Viagem de S. A. o Principe D. Luis Filipe ás colonias* (*).

A festa, que costuma ser annual, não foi este anno menos alegre nem menos concorrida do que nos mais annos e nella tomaram parte os seguintes srs.: J. F. Mongiardim da Costa, capitão Correia de Brito, Herman Gubler, Joaquim Garcia Fernandes, Antonio Cardoso, Ernesto Torre do Valle, João de Sousa Martins, Annibal Achilles Guerreiro, Manoel F. Correia, R. Pallastreli, Harry Reid, Alfredo Camilleri, Antonio Furtado, Giovani Tonetti, Luciano Felix, Luis de Sousa Amado, dr. Angelo Ferreira, Burt Muller, J. L. Main, Alex Uebel, G. T. Roberts, Rufino de Oliveira, José Augusto d'Aguiar, Luis Sá de Sequeira, Paulo Stockghit, João Gomes Jardim, Manoel de Araujo Gomes, Nicolau Catoja, Ernesto P. Saavedra, Pedro da Cunha, José Val Ribeiro, Gaspar Pizarro, John Mihaleto, Jacques Reimann, Antonio do Nascimento, João da Silva, Clemente Nunes de Carvalho e Silva, E. G. Dascalakis, Angelo Duvanis, Carlos Raul Pinto, Antonio Manoel da Silva, Lucio Velloso da Rocha, Andrew Roberts, João Pinto Abrantes, João de Sousa e E. Cheval.

Acompanhou este grupo o sr. Lisboa de Lima, diretor do Caminho de ferro de Lourenço Marques, convidado pela comissão da festa, e todos partiram em comboio especial ás 9 horas e 10 minutos da manhan, chegando a Muguene ás 11 horas e 30 minutos, seguindo dali uns a pé, outros em vagonetes até o local do *pic-nic*, distante meia hora de caminho.

Alegre correu o *pic-nic*, em fraternal convivio, sem nota discordante, e o sr. Mongiardim Costa, presidente da comissão, fez a apologia da festa, cuja iniciativa se deve ao sr. Eugenio Herzog, um dos mais influentes membros da colonia europeia. Os brindes sucederam se com franco entusiasmo e o sr. Torre do Valle, refere se ao sr. conselheiro Freire de Andrade, governador geral, sentindo que sua ex.ª, á ultima hora, por motivo de saude, não podesse honrar a festa com a sua presença. Pediu tambem se guardassem alguns momentos de silencio em memoria piedosa dos pioneiros falecidos no periodo de 1906 a 1907. Finalisa o seu improviso congratulando-se pela fraternal reunião ali de 46 individuos com residencia em Lourenço Marques ha mais de 16 annos, e lamenta que nem todos concorressem áquella festa, sendo certo que na colonia existem mais de 100 nas mesmas circunstancias.

Foi calorosamente festejada a comparencia do sr. Lisboa Lima, ficando considerado como pioneiro para todas as festas promovidas pelo grupo.

Depois do *pic-nic* procedeu-se á eleição da comissão executiva da festa para 1908, sendo eleitos os srs. Mongiardin Costa, Burt C. Muller, Ernesto Torre do Valle, J. Garcia Fernandes e Antonio Cardoso.

Para terminar a agradavel diversão o sr. Lisboa Lima convidou os pioneiros para um passeio até ao terminus da linha ferrea da Swasilandia, podendo estes então gosar a surpreendente vista da planicie da Mailene e dos Libombos Grandes, assim como notar o adiantamento em que se encontra a construção da linha.

Grande é nossa satisfação ao darmos noticia desta significativa festa, que afirma a grande vitalidade da colonia de Lourenço Marques, onde a espansão da alma portuguêsa se manifesta, no meio do trabalho e da luta de todos os dias pelo seu desenvolvimento e progresso.

Quem atentar bem no grupo que reproduzimos em gravura, poderá vêr nêlle individuos de todas as edades, que naquella colonia encontraram vasto campo para a sua átividade, o que deve servir de incentivo a tantos que na metropole arrastam existencia penosa, a seguir o exemplo de seus irmãos, indo colaborar com elles na grande obra do engrandecimento da sua patria.

(*) Vid. n.º 1031, pags. 178 e 179 d'este vol.

TRINDADE COELHO

Roteiro dos processos especiaes

(Excerpto d'um estudo sobre Trindade Coelho)

Pelos tempos que vão correndo, em que *el doce far niente* vence e domina despoticamente, dobrando e sujeitando irresistivelmente a seus captivantes e enleiadores liames, as naturezas ainda melhor fadadas e melhor apercebidas para o trabalho intellectual, alheiando-as quasi totalmente d'este, é para grande jubilo e devida admiração como para incontrastavel applauso, o ver os poucos, tão faceis infelizmente de numerar, que incessante, dedicada e denodadamente não abandonam a liça e n'ella pleiteiam radiantemente por novos triumfos.

Entre esses poucos e um dos primeiros e mais assignalaveis n'essa ala dos namorados e captivos das boas letras, occupa posto primacial em sua primeira fila, o sr. dr. Trindade Coelho, posto denodada e por certo fadigosamente ganho, mas em maneira tal que de todo esse vasto e proficuo lidar, e em sua propria personalidade, cousa alguma denuncia nem um esmorecimento nem um esforço, parecendo bem que os trabalhos ainda os mais arduos, lhe são facil e atrahente jogo, e que lhe saem do privilegiado engenho e penna lida e conceituosa, como se agua brotando limpidissima e e correndo crystalina de fonte viva.

Testemunho incontestavel, e saltando aos olhos d'esta affirmativa o patenteia toda a sua obra litteraria tão vasta quão variada; e o corrobora o seu não interrompido trato e convivencia social, para que jamais fallido.

Sobre isto, e acendrando-o, ha que correndo lhe a obrigação, como magistrado do ministerio publico que é, e dos mais cumpridores, dignos e respeitados, de pesados e por vezes bem amaros encargos, a todos acode e a todos occorre sem desfalecimentos, móra ou quebra de dignidade e isenção.

. . . .

O ultimo trabalho de sua penna sabedora sahido a lume, suggerindo me mais uma vez o conceito que fórmo do sr. dr. Trindade Coelho, como escriptor, rapidamente formulado no que fica escripto, é um livro juridico denominado *Roteiro dos processos especiaes* e que bem adequada, precisa e justamente se sobepigrapha «Exposição pratica dos artigos 406 a 773 do Codigo do Processo Civil.»

Para os que lidam no fôro, e ainda e tambem, é bem de vêr, para os que frequentam o quinto anno de Direito na Universidade, uma de cujas aulas é a de Pratica, offerece a doutrina estatuida n'esses artigos, e se não em todos, em muitos d'elles, grandissimas difficuldades, e para a bom porto ser levada a nau que por entre elles navegue, como se entre Scylla e Charybdes, preciso se torna que seja guiada por sciente, pratico e seguro timoneiro, e que sobre ser tudo isto não adormeça como o Palinuro da Eneida.

E tão cortado de syrtes, escolhos e bancos submersos é o mar em que sobrenadam esses artigos, determinativos da propriedade da propositura das tantissimas acções com processo especial, que a cada passo se vêem nos tribunaes n'elle sossobrarem versados jurisconsultos.

Pois por tal modo, claro e preciso e inequivocavel, expõe o sr. dr. Trindade Coelho, a complicada e intrincada doutrina, que quem o tome por guia em sua pratica, ainda que leigo e inteiramente estranho seja ás cousas de direito, não poderá enganar-se ou transviar se na rota a seguir para alcançar bom e seguro porto.

Inapreciavel, pois, o serviço que com este ultimo filho de sua grande virtualidade scientifica e literaria, o sr. dr. Trindade Coelho acaba de prestar a duas numerosas classes, sendo bem para crer que conscientemente, ou á sua revelia, mas pela força natural das cousas, algo ou muito influisse para a rapidez e perfeição da obra a suggestão nascida de fazer parte um filho seu muito querido, conceituado academico e já aureolado poeta, do curso do 5.º anno de Direito, ao qual é dedicada tambem, em segundo lugar, a obra.

. . . .

RODRIGO VELLOSO.

A ESPERANÇA

(Da *Lyra Germanica*)

(SCHILLER)

Muito sonham os homens, muito fallam os homens,
De melhores dias; p'ra uma méta feliz,
Nós os vemos correr, p'ra esse aureo paiz;
E por todas as vias, nós os vemos tomar;
E o mundo envelhece, e rejuvenece,
E elles sempre da Esp'rança no doce embalar!

Sempre, sempre, na vida, a mãe Esp'rança os conduz:
Na fugaz puericia ao menino bafeja;
Depois, ao mancebo, o seu brilho o seduz;
Mais tarde, já velho, se lhe o alento fraqueja,
Ainda a Esp'rança lá está, bem ao termo da senda;
Pois sem forças p'ra nada, essa arvore sancta,
Juncto ao tumulo a planta, e lhe faz sua offrenda!

Não é nenhum vão, nenhum vago idear,
Na mente offuscada do louco, a scismar;
E' voz bem de dentro, é voz que diz claro:
P'ra algo nascemos, mas não tão amaro...
E aquillo que um echo do intimo diz,
A alma, que o espera, em vão não o quiz.

ALEXANDRE FONTES.

CIENCIA MODERNA

Depreções barometricas e suas consequencias

O dia 23 de Setembro de 1907 marcou para a nossa capital, uma epoca terrivel em que abundam as inundações em toda a cidade contrastando perfeitamente com a estiagem prolongada que vinhamos soffrendo já ha meia duzia de annos, o que tornava desanimador o aspéto dos campos.

Mas, tudo mudou. O mês de Setembro decorria quente e abafador de temperatura, um pouco impropria da epoca, chegando o termómetro a elevar-se nos primeiros dias do mês até cerca de 35.º, o que no nosso clima, sucede em geral de dez em dez annos. O vento nordeste persistia torrido, mas passado o equinócio, este apresenta se ameaçador, e no dia 23 de Setembro pelas três horas da tarde, rebenta a maior trovoada de que não ha memoria em Lisboa, cahindo $34^{mm},8$ de chuva em três quartos d'hora, isto é, desde as 4 da tarde ás $4\,^3/_4$. Nunca mais o tempo se tranquillisou por completo, e apenas um ou outro dia se apresentou com sol.

Desde 23 de Setembro até 4 de Outubro, as chuvas foram incessantes com grande depreção barometrica.

Após um pequeno interregno de três dias, o tempo apresenta se de novo, revolto, e durante todo o mês de Outubro a altura pluvimetrica atinge um total de $157^{mm},0$, facto que se não repetia desde 1895, conforme disémos na nossa crónica mensal. Em compensação, a temperatura baixa bruscamente, e durante o mês de Outubro, conservou se, em geral, abaixo do normal. Já em Setembro, a chuva total fôra de 102,4 millimetros.

Chegámos ao mês dos Santos e lá o ditado: *Dos Santos ao Natal, inverno natural.*

Como não tivessemos ainda bastante, o proverbio mais uma vez se confirmou. No dia 4, pelas 9 horas da manhã, marcava o barometro 764^{mm}, descendo precipitadamente durante o dia, até que ás 9 horas da manhã, a altura barometrica era de $753^{mm},5$, o que anunciava a aproximação de uma vasta depreção da Irlanda. A baixa foi-se acentuando pela noite, até que ás $4\,^1/_2$ horas da madru-

gada do dia 5, o barometro marcava 744^{mm},5 soprando o vento SW forte e com tendencias a tornar-se violento. Houve, pois, em menos de 24 horas, uma oscillação barometrica de cêrca de 20 milimetros.

Esse facto pouco vulgar no nosso clima é no entanto, frequente nas maiores latitudes, principalmente nas costas de Inglaterra e da Scandinavia onde a depreção barometrica atinge muitas vezes 40 millimetros em 24 horas. São precisos muitas vezes passarem-se mais de dose annos para que este facto se repita. A consequencia da profunda depreção que invadiu a peninsula e que continua a serie infinita daquellas que desde o dia 23 de Setembro nos teem mimoseado com a sua presença, pois em Outubro já se manifestára outra, ainda maior — (Minimo barometrico em 15 de Outubro 740^{mm},0), — deu como causa geral, chuvas torrenciaes, e grandes inundações não só na cidade, como nas provincias e principalmente no norte do país, achando-se no dia 4 para 5, interrompidas todas as comunicações telegraficas e telefonicas. As alturas pluviometricas superiores a 10 millimetros, manifestaram se já em Setembro, durante 4 dias, sendo a maior, a do dia 23 (51^{mm},4, em 24 horas), seis vezes em Outubro com um maximo, no dia 15 (26^{mm},8 em 24 horas com vento muito forte do SW) e agora, no dia 4 e 5 de Novembro, em que a chuva cahia a jorros na capital, durante cerca de 48 horas, com raros intervállos.

Este máu tempo parece não nos querer abandonar tão cedo, pois a confirmar, o adagio popular de que lua nova trovejada, trinta dias é molhada, é de crêr que o tempo que ainda falta, até ao fim do anno corra tempestuoso, com pequenos intervallos.

Demais, atendendo á sêca do inverno passado e á media geral da cl uva que se deve observar em Lisboa, nos annos normaes e que se pode calcular em cerca de 750^{mm}, vejamos o que nos dizem os boletins metereologicos do observatorio do Infante D. Luis até 6 de Novembro, data em que escrevemos este artigo.

Janeiro	28,0
Fevereiro	19,7
Março	2,4
Abril	65,6
Maio	155,0
Junho	1,6
Julho	9,2
Agosto	0,3
Setembro	102,4
Outubro	157,0
	541,2
Até 6 de Novembro (exclusivé)	77,2
Total	618,4

Ou seja, ainda abaixo da media 131^{mm},6 o que faz tambem prevêr a continuação do tempo invernoso que soffremos ha cêrça de 50 dias.

Entramos naturalmente agora, n'um periodo maximo de chuvas, depois de 10 annos de estiagem (1896-19 6), periodos que em geral se succedem sempre, periodicamente. E' este o inicio de uma serie de annos chuvosos. Que não desanimem pois, os lisboetas se tivermos agora seis annos seguidos, de chuvas violentas que provoquem inundações grandes, na nossa tão branda peninsula, onde abunda o céu asul e a temperatura amena.

6-11-907

ANTONIO A. OLIVEIRA MACHADO

O MEZ METEOROLOGICO

Outubro 1907

Barometro — Maxima 768^{mm},7 em 5.
» Minima 740^{mm},0 em 15.
Thermometro — Maxima 22°,4 em 6.
» Minima 11°,4 em 15.

O mez de outubro é caracterisado por uma fraca maxima thermometrica e grande suavidade na temperatura. O affastamento dos dois extremos foi apenas de 11°. Desde 1892, que a maxima thermometrica não é tão baixa n'este mez (Em 1892 — Max. therm. em Out.° 22.°, o min. 9°,7). E' um dos mezes de Outubro mais temperados. A temperatura media maxima foi de 19°,05 em 2 e a minima, de 13°,53 em 16.

Chuva 157^{mm},0 em 20 dias, um dos mezes de Outubro mais chuvosos d'estes ultimos annos — chuvas violentas manifestaram se em todo o mez: Em 1, 8,0; em 2, 11,3; em 10, 15,0; em 14, 9,6; em 15, 26,8; em 18, 14,8; em 19, 12,7; em 27, 10,0; em 30, 7,1; em 31, 24,2. O total do mez é como se disse de 157^{mm},0, facto que se não repete desde 1894.

Nebulosidade. — Ceu limpo ou pouco nublado 6 dias.
» Nublado 21 dias
» Encoberto 4 dias.
Humidade — Muito elevada.
Vento dominante — SW.

NECROLOGIA

José Ignacio de Araujo

Vae em três mêses que faleceu José Ignacio de Araujo — a 23 de agosto — mas por ser tardia esta homenagem á sua memoria, não é menos sentida e só motivos alheios á nossa vontade impediram de o fazer mais cedo.

Não será, porém, esquecido o nome de José Ignacio de Araujo como o de um poeta de raça, que a tarefa que seu pae lhe impôs da arte de ourives, não o fez divorciar do convivio das musas que o encantaram desde a infancia.

Nasceu José Ignacio de Araujo em Lisboa, a 30 de junho de 1827, filho de Luis Antonio de Araujo, ourives, natural de Braga, e de D. Maria Candida de Araujo, natural de Lisboa.

JOSÉ IGNACIO DE ARAUJO

Numa loja, junto á ermida da Victoria, o pequeno José principiou a aprender com seu pae a arte de ourives, mas a inclinação pouca era, o que não o impedio, ainda assim, de produzir apreciaveis trabalhos de filagrana, e de ser um eximio decorador.

Cultivando, porém, mais a literatura do que a ouriversaria, seu nome se tornou antes conhecido do publico por suas produções poeticas, do que pelas obras da arte de Gil Vicente, que sem podermos afirmar não seria tambem o poeta iniciador do teatro português, não nos repugna aceitar a sua dualidade de poeta e ourives.

Opulenta é a arte de ourives quando ao ouro mais valorisa com os primores de cinzel, mas a poesia, sempre vale alguma coisa mais do que o rico metal. Ella por si nobilita pela opulencia do talento metal inistimavel que todo o ouro do mundo não póde comprar.

Faustino Xavier de Moraes, mais conhecido foi por suas produções poeticas, do que por suas obras de ourives. Como ourives se espatriou, e no Brasil foi saudado por poetas.

De José Ignacio de Araujo se póde dizer o mesmo; na sua lojinha da rua da Victoria tinha mais freguezes ás poesias, do que a cordões e aneis de ouro.

E' que a sua poesia era de mais fino quilate do que muito ouro... de lei que por ahi se apresenta.

Como Faustino de Novaes a musa de Ignacio de Araujo era mais propensa á satira do que ao sentimentalismo, e por isso em toda a sua obra resuma o humorismo e a graça espontanea, subordinada, contudo, ás mais irrepreensiveis regras da arte, no rigor da metreficação e na propriedade da rima.

Na sua longa vida produsio muito, mas nem tudo veio á luz publica, não passando do meio dos seus amigos e admiradores, deixando assim muitos escritos ineditos.

Para o teatro escreveu, como para o livro e, em muitos jornaes e publicações avulsas deixou suas produções literarias. A *Parodia* teve-o por seu colaborador e não nos lembra se mais alguma outra folha humoristica.

A maior parte, porém, de suas produções aparecem com o pseudonimo do *Esopo*.

Tradusio as *Fabulas de La Fontaine*.

Aqui juntamos uma lista que podemos reunir de algumas de suas obras:

A Princeza de Arrentella tragedia burlesca em três actos, em verso, Lisboa, 1860; *A sombra do sineiro*, tragedia burlesca em três actos, tambem em verso, Lisboa, 1860; *Um bico em verso*, scena comica, Lisboa, 1860; *O Principe Escarlate*, tragedia burlesca em dois actos, em verso, Lisboa, 1862; *Um homem que tem cabeça*, comedia em um acto, Lisboa, 1864; Poesias, Lisboa, 1862; *Dois curiosos como ha poucos*, entre-acto comico, Lisboa, 1861; *Cosme Parola*, Lisboa, 1868 na coleção *Theatro para todos*; *Symphronio e Giralda*, entre-acto tragico burlesco, Lisboa. 1863; *A herança do tambor-mór*, comedia em um acto, em verso, Lisboa, 1866; *O trapeiro*, cançoneta comica, Lisboa, 1863; *A viuva Felizarda*, comedia em um acto, Lisboa, 1863; *Ultimos momentos de um Judas*, entre acto tragico-burlesco, Lisboa, 1864; *O sr. Galvão*, scena comica, Lisboa, 1864; *Morte de Renhanhau*, destempero tragico carnavalesco, poesia comica; *Procopio iman de corações*, Lisboa, 1866; *Um velho de bom gosto*, poesia comica, Lisboa, 1866; publicada no periodico *Espectador imparcial*; *Delirio e vingança*, poesia comica *Por causa de uma Seraphina*, entre-acto comico, Lisboa, 1865; *O espectro*, poesia carnavalesca, original em verso, sem data, anda junto com a cena comica *Zé pinote*, de Jose Romano; *A mulher de Socrates*, comedia em um acto, de Banville; tradução que se representou no teatro de D. Maria. José Ignacio de Araujo collaborou com João Soller, na revista do anno *O sonho do citado autor*, que se representou no teatro da Avenida, e na tradução da zarzuela *El plato del dia*.

Dificil seria catalogar as obras de orivesaria deste bom velhinho, a quem a idade e os achaques obrigaram a deixar os buris e o cinsel, mas não a abandonar a pena, que só a morte lhe fez cahir das mãos. Descansa em paz boa alma de poeta.

Antonio Joaquim Iniguez

Ha pouco mais de um anno nos referimos nesta revista a Antonio Joaquim Iniguez, por ocasião de uma visita que fisemos á sua Fabrica de Chocolate Iniguez. Então foi elle quem nos acompanhou nessa visita e nos deu explicações sobre os complicados mecanismos da sua fabrica em plena laboração, nos revelou com a sua natural intuição e conhecimento da industria que explorava, o que para nós eram completas novidades, e isto nos disia com aquella intima satisfação do homem que pelo trabalho vence e chega ao seu ideial, que para elle era a grande industria.

ANTONIO JOAQUIM INIGUEZ

E elle nos contou com que prudencia e calculo á falta de grandes capitaes, alcançara esse ideial, implantando no país uma industria, por assim dizer nova, tão rudimentar era entre nós o fabrico dos chocolates, ou o bom aproveitamento da sua materia prima, o cacau, produto inteiramente nacional, até ali mal estudado e grosseiramente utilisado.

Pois todo esse grande trabalho o prostrou por

Sociedade de Musica de Camara

fim, gastando lhe a vida e levando-o ao tumulo pouco alem dos cincoenta annos, no dia 19 de Outubro, falecendo na quinta das Conchas, ao Lumiar. Foi-nos surprêsa a noticia da sua morte e mais nos maguou o ver apagada uma vida tão util, que de ha muito consideravamos como a de um braço potente da industria portuguêsa, como a de um homem de rara iniciativa e atividade animada por uma inteligencia clara e grande censo pratico, a par de um coração bom, cuidando da familia, que para elle era um culto, e de quantos o ajudavam no seu trabalho para quem era pae cuidadoso.

Espirito esclarecido, teve a justa compreensão da vida procurando ser util á sociedade. Elle que nascera pobre, trabalhando e lutando se engrandeceu sem deprimir ninguem, educou seus filhos tambem no trabalho e nelles encontrou docilidade para lhe seguirem o exemplo e colaborarem na felecidade commum.

De seu filho mais velho, o sr. Manoel Antonio Iniguez fez seu digno continuador na direção da fabrica; de suas filhas, uma a guarda-livros, outra a caixa dos seus haveres. Quantos entre nós seguem este exemplo?

Assim prevenio a continuação da sua obra e a independencia de seus filhos, podendo morrer tranquillo de ter cumprido bem a sua missão na terra, com exemplo digno de seguir se.

MADEMOISELLE JULIETTE LAVAL
Violinista

MADEMOISELLE GENEVIÉVE DEHELLY
Pianista

SOCIEDADE DE MUSICA DE CAMARA

Vae inaugurar, no dia 12 no Conservatorio Real de Lisboa, a setima serie de concertos relativa a esta epoca de inverno, a Sociedade de Musica de Camara, que ha annos vem despertando no publico o gosto pela boa musica.

Para o concerto que ora vae realisar, convidou tres festejadas artistas francêsas: a pianista M.elle Geneviéve Dehelly, a violinista M.elle Juliette Laval e a violoncelista M.elle Adéle Clément.

Não é a primeira vez que esta sociedade apresenta ao publico notabilidades estrangeiras, e além de outras, lembra-nos o concerto de janeiro de 1905, em que podemos apreciar os notaveis artistas Elsa Rueger, eximia violoncelista, violinista Mattieu Crickboom e o pianista Arthur Greef.

A fama que precede os artistas que se apresentarão no proximo concerto, são garantia de que elle será um dos mais primorosos que se teem ouvido em Lisboa, sendo o seu programa escolhido entre as partituras de Schumann, como *Bewegt doch nicht zu rasch, Ziemlich Langsam, Rasch, Kraftig mit Humor*, de Bach, de Chopin, de Beethoven, Liszt, de Franchomme e de Brahms.

MADEMOISELLE ADÉLE CLÉMENT
Violoncelista